

Letrário**editora*

Asfixia

Tiago Marques

Abril de 2009



A solidão abraçava a noite. Tinha o peito cheio, prestes a explodir, de lágrimas, soluços, gritos que se encontravam abafados havia já demasiado tempo. Sentia-se capaz de responder ao grito silencioso e constante da noite. Mas o maior de todos os seus problemas sempre fora uma aguda racionalidade.

Os livros, esses, encontravam-se espalhados por diversos cantos; expulsos do seu palácio de cristal, passaram a habitar o chão poeirento, alguns recantos bafientos, prateleiras periclitantes. Mais uma dor. Os seus filhos, separados e, nalguns casos, maculados.

Abrira mão do controlo. Deixara finalmente de fazer resistência, de tentar prever, de precaver-se. Que a cadeia dos acontecimentos ditasse, no momento próprio, a acção a ser tomada. Decidira deixar-se levar pelos caprichos arbitrários da vida – ou, então, acabara por aceitar que a sua existência respondia a alguma lógica de causa e efeito, senão mesmo a uma dimensão expiatória da realidade. Não sabia. Já não lhe importava saber.

O passado parecia-lhe enterrado, se bem que ainda não tivesse tido oportunidade de o sepultar. Era estranha a sensação de estar num limbo entre dois mundos: um já volvido; outro aberto perante os seus olhos e como que surgido por um passe de mágica. Depois de uma revolução não vem a bonança – vem outra revolução. De outro tipo, é certo, mas igualmente devastadora.

Onde estariam os outros? Possivelmente embriagados e absortos. Como queria ficar absorto! Não ter memória, não pensar, não participar no carrossel descontrolado do mundo. Enlevar-se. Ainda que sozinho. Porém, os comprimidos e o álcool não pareciam querer atender ao seu anseio. Teria de suportar a terrível lucidez. Aguardar pelo momento em que tivesse de, novamente, aguardar. Fosse o que fosse.

Esta noite não lhe era nova. Mas era a primeira desde a revolução. E isto bastava para que o seu desespero atingisse o paroxismo. Não sabia o que fazer, o que dizer. Para quê? A quem? Valeria sequer a pena?

Bastar-lhe-ia um abraço. Partilhar a solidão em silêncio com outra solidão, qualquer que ela fosse. Mas a noite não lhe traria isso. Novamente. Trar-lhe-ia, sim, o amanhecer – mas isso seria mais tarde. Antes do alívio da luz, o carrasco ainda tinha muitas agulhas para utilizar.

Fim



Tiago Marques nasceu há 27 anos e foi criado em terras de Vera Cruz. Vive há 14 anos em Portugal, onde se formou em Tradução e em Línguas e Literaturas Modernas: Estudos Portugueses e Franceses. É tradutor e revisor literário. Escreve erráticamente contos e poesia.

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa
http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9002.htm
+ 351 21 711 20 20
letreiro@letreiro.pt